

(RES)SENTIMENTOS POLÍTICOS NA PROVÍNCIA DO CEARÁ: o caso de Icó e Vila de Telha (1868)

(RES)POLITICAL FEELINGS IN THE PROVINCE OF CEARÁ: the case of Icó and Vila de Telha (1868)

(RES)SENTIMIENTOS POLÍTICOS EN LA PROVINCIA DE CEARÁ: el caso de Icó y Vila de Telha (1868)

Maria Larisse Elias da Silva

Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Mestra em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

lawrencecelias1996@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-5478-9321>

Ana Elizabete Moreira de Farias

Mestra em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Servidora Pública Municipal da SME do Baixo-CE.

anaelizabete82@gmail.com / <http://orcid.org/0009-0008-9408-9347>

Recebido: 24/05/2023; Aceito: 29/08/2023; Publicado: 26/12/2023.

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo analisar como as narrativas que evocavam sentimentos e emoções foram capazes de servir como ferramenta política no jornal *O Cearense* e em *Anais do Senado Imperial*. Este escopo de pesquisa constituiu-se a partir da percepção de que em narrativas eleitorais – principalmente as que tinham relação com as ações de fraude e violência durante as eleições nas vilas de Icó e Telha –, os personagens evocavam os seus rancores, afetos e (res)sentimentos quando iam narrar um fato ou falar sobre outro personagem do meio político no ano de 1868. Com base nas fontes documentais supracitadas e em bibliografias de apoio que discutem a perspectiva das emoções na política, empreendeu-se uma Análise Textual Discursiva como eixo metodológico norteador da problematização. Os resultados obtidos apontam que as emoções, enquanto ferramenta política, serviam para acessar uma zona de enfrentamento entre os sujeitos que muitas vezes a violência, por exemplo, não era capaz de tocar – por mais que essas emoções fossem evocadas como “consequência” dos atos de violência.

Palavras-chave: História das Emoções; Eleições; Segundo Reinado.

ABSTRACT

The present article aimed to analyze how narratives that evoked feelings and emotions were able to serve as a political tool in the newspaper “*O Cearense*” and in the “*Anais do Senado Imperial*” (Annals of the Imperial Senate). This research scope was based on the perception that in electoral narratives - especially those related to acts of fraud and violence during elections in the towns of Icó and Telha - the characters evoked their grudges, affections, and (re)sentiments when narrating a fact or speaking about another political figure in the year 1868. Drawing upon the aforementioned documentary sources and supporting bibliographies discussing the perspective of emotions in politics, a Textual Discursive Analysis was undertaken as the guiding methodological approach for problematization. The results obtained indicate that emotions, as a political tool, served to access a

zone of confrontation among individuals that violence often failed to touch - even though these emotions were evoked as a “consequence” of acts of violence.

Keywords: History of Emotions; Elections; Second Reign.

RESUMEN

El presente artículo tuvo como objetivo analizar cómo las narrativas que evocaban sentimientos y emociones fueron capaces de servir como herramienta política en el periódico “O Cearense” y en los “Anais do Senado Imperial” (Anales del Senado Imperial). Este alcance de investigación se basó en la percepción de que en las narrativas electorales, especialmente aquellas relacionadas con actos de fraude y violencia durante las elecciones en las villas de Icó y Telha, los personajes evocaban sus rencores, afectos y (re)sentimientos al narrar un hecho o hablar sobre otro personaje político en el año 1868. Basándose en las fuentes documentales mencionadas y en bibliografías de apoyo que discuten la perspectiva de las emociones en la política, se realizó un Análisis Textual Discursivo como enfoque metodológico rector de la problematización. Los resultados obtenidos señalan que las emociones, como herramienta política, servían para acceder a una zona de confrontación entre los sujetos que a menudo la violencia, por ejemplo, no podía tocar, aunque estas emociones se evocaran como “consecuencia” de los actos de violencia.

Palabras clave: Historia de las Emociones; Elecciones; Segundo Reinado.

INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XIX, em especial durante a década de 1860, a Província do Ceará vivenciou uma sequência de problemas relacionados ao contexto político saturado pelos intensos conflitos eleitorais na capital e nas regiões mais distantes do litoral, como foi o caso do 3º Distrito Eleitoral.

Estudos historiográficos mais recentes, como os que foram desenvolvidos pela historiadora Miriam Dolhnikoff (2021), já demonstraram que existiam inconsistências em torno da noção de governo representativo desde o início da segunda metade do século e que isso gerou reflexos no sistema político vigente no Segundo Reinado. Isso afetou também o modo como as elites locais se relacionavam com a Província e com o Estado Imperial, o que fez com que se intensificassem os conflitos em torno dos processos eleitorais.

No caso do 3º Distrito Eleitoral, por exemplo, muitas dessas tensões se desenrolaram por meio das lutas físicas e sanguinárias, além das inúmeras práticas de fraude, fosse durante o pleito ou após, com a adulteração dos registros de atas eleitorais. Mas, para além desse *modus operandi* tido como as duas principais práticas eleitorais do período naquela região, percebeu-se que alguns personagens utilizaram outros meios para denunciar as práticas tidas como políticas que vinham acontecendo nas localidades de Icó e Telha. Diante desse contexto, este artigo teve como problema a seguinte pergunta: como a produção de narrativas foi capaz de servir como arma política a partir da evocação das

emoções? Buscando construir um olhar sobre o uso das emoções no campo da política na Província do Ceará e, em especial, na vila de Telha e no município de Icó, o tópico a seguir discute a importância das emoções para o debate eleitoral oitocentista.

A HISTÓRIA DAS EMOÇÕES EM PERSPECTIVA

Quando pensamos em emoções, logo remetemos ao que sentimos ou que foi sentido por alguém que conhecemos. Os diversos modos com os quais conseguimos expressar os sentimentos que nos afetam hoje, na verdade, nem sempre foram passíveis de compreensão ou apresentados de tal forma como visualizamos atualmente. Sentimentos de raiva, amor e medo não foram experienciados por gregos e romanos, por exemplo, do mesmo modo como vivenciamos isso neste período que denominamos como contemporâneo.

Refletindo sobre a ideia de governo dos sentimentos morais no século XVIII, Daniel Pereira Andrade (2016) discutiu que nas vertentes pastorais da Reforma e Contrarreforma e a vertente teológica na Europa, acreditavam que entre as formas de governo da conduta humana naquela época estavam as paixões¹. Nesse sentido, o seio da vida “emocional” era um objeto situado muito próximo ao problema do governo.

Esse governo de si² mencionado acima, que ao mesmo tempo estava ligado diretamente ao autocontrole e aos processos políticos³ vivenciados na Europa do século XVIII, era visualizado como um mecanismo de controle para a salvação das almas. E, na inexistência dessa contenção articulada das paixões, o discurso em torno dos comportamentos afetivos possuía uma leitura pessimista, conforme afirmou Andrade (2016).

Mas para além de uma intenção de “salvação das almas”, o controle das paixões por parte do universo da política, por exemplo, também tinha uma conexão intrinsecamente relacionada ao controle emocional que, em diferentes momentos, interagia com a vida cotidiana das sociedades, com os laços sociais e a ordem vigente (ANDRADE, 2016). Nesse sentido, se as paixões se constituíam como uma base para os laços entre os grupos

¹ Ressalta-se que o entendimento sobre paixões partilhado nesta pesquisa não diz respeito, necessariamente, ao significado atribuído no mundo contemporâneo, como o ato de apaixonar-se por outra pessoa. A paixão aqui tem um sentido mais amplo e está ligada à ideia de sentimento autônomo.

² É importante considerar que o “governo de si”, explicitado neste texto, também é compreendido pela perspectiva da moral, ou seja, um trabalho de dominação dos anseios próprios sem a necessidade de “colonização” de outrem sobre si.

³ Entre eles, podemos citar a unificação política dos Estados nacionais, além da desagregação religiosa Ocidental (ANDRADE, 2016).

humanos, era preciso buscar uma “normatividade” – pautada no controle das emoções – para esses sentimentos a fim de evitar que, do ponto de vista político, se tornassem uma paixão “egoísta”, no sentido de unir os indivíduos por meio dos interesses econômicos, ou uma ameaça às concepções puritanas da época.

Rompendo um pouco com a lógica linguística de paixões e afetos para emoções, no período de transição do século XVIII para o XIX, Dixon (2003) afirmou que essa mudança:

the shift from the language of passions and affections to the language of emotions seems to provide strong evidence of the way that religious and psychological ideas have been connected in the past. To speak of ‘passions and affections of the soul’ was to embed one’s thought in a network of more distinctively Christian concepts and categories. In contrast, the category of ‘emotions’ was alien to traditional Christian thought and was part of a newer and more secular network of words and ideas (DIXON, 2003, p. 4).

Para Dixon (2003), as atribuições da categoria emoções gerava um estranhamento com as propostas do pensamento cristão mais tradicional e controlador dos indivíduos, por isso ela se constituía como um movimento de mudança em que ideias e palavras passaram a integrar as redes relacionais do cotidiano do século XIX. Retomaremos as discussões de Dixon nos parágrafos seguintes, antes disso, é importante trazer a colaboração de Rom Harré (1986) para esta discussão.

Corroborando com essa discussão que envolve a questão social, partilhamos de algumas das noções de Harré (1986) em que ele discute que, apesar de as emoções serem corporais, com certa tendência biológica, elas são produzidas com base nos diferentes discursos, relações e normas em que os sujeitos estão envolvidos. Diante disso, vale ressaltar que, pensar sobre as emoções principalmente àquelas que envolvem o passado, requer que lembremos sempre que essas envolviam concepções diversas pautadas em estratégias de poder e discursos.

Em contextos históricos mais recentes, como foi o caso do século XIX, não existia tantos estudos relacionados ao tema dos sentimentos. Isso fez com que as concepções sobre as emoções se limitassem, muitas vezes, ao que era concebido por “sentimento negativo” e/ou “sentimento positivo” – fator que não isolava essas concepções do jugo da razão e da moralidade.

Sendo assim, diante de experiências sociais que não se encaixavam necessariamente nesses “padrões”, desde meados dos oitocentos estudiosos de distintos campos do conhecimento, entre eles a Antropologia e a História, direcionaram os seus olhares para as emoções e como as experiências sociais eram também produtoras de sentimentos.

Em um livro chamado *From Passions to Emotions: The Creation of a Secular Psychological Category* (2003), Thomas Dixon se dedicou a pensar, sob diferentes perspectivas, como a história poderia ajudar a construir novas concepções acerca das emoções, ou seja, àquilo que remetia principalmente às paixões ou afeições, mas não apenas isso.

Pensando as emoções enquanto categoria psicológica, Dixon (2003) abordou-a a luz do que ele chamou de “differentiated typologies”, ou seja, que incluíam afetos, sentimentos, apetites e paixões, por uma categoria mais abrangente de emoções que se fez perceptível nas relações sociais durante o século XIX. Nessa perspectiva, o autor levanta uma crítica à categoria moderna de emoções ao dizer que ela “[...] has hampered attempts to argue with any subtlety about the nature and value of the enormous range of passionate, affectionate, sentimental, felt and committed mental states and stances of which we are capable” (DIXON, 2003, p. 2).

Diante disso, numa perspectiva histórica um tanto revisionista, Dixon (2003) chama a atenção para o fato de que muitos estudiosos sobre as emoções, principalmente aqueles que atentaram ao fim do século XIX e início do século XX, como foi o caso de Robert Solomon⁴, tinham sobre as emoções uma visão negativa. Essa construção em torno das emoções recebia muita influência dos racionalistas da época que, na inexistência de um aprofundamento no estudo sobre o que os sujeitos sentiam, acreditavam que não era possível apresentar a razão ao lado das emoções – fator que fazia com que elas fossem consideradas antagônicas pelos teólogos cristãos e filósofos ocidentais.

Um dos argumentos de Dixon (2003) é que o distanciamento das concepções “tradicionais”⁵ de emoção, bem como a oposição à ideia de que as emoções deveriam ser submetidas ao jugo da razão, foi um movimento de influência que impulsionou a abrangência da categoria de emoções.

Para esse historiador, a ideia de que as emoções deveriam ser submetidas à razão onipotente era insustentável – mesmo que se aplicassem tal perspectiva com os filósofos estoicos – pois pensar que os sentimentos agem, necessariamente, contra as vontades consideradas racionais, como se as emoções fossem externas ao nosso eu, é abraçar questões tidas muitas vezes como morais, uma vez que as emoções não são “poderes estranhos” ao indivíduo.

⁴ Uma das obras utilizadas pelo Dixon como base de estudo sobre as emoções foi o livro do Robert Solomon, intitulado *The Passions: Emotions and the Meaning of Life* (1976; 1993).

⁵ A noção de concepções “tradicionais” da emoção pauta-se na ideia de que as paixões e emoções seriam, necessariamente, em diferentes aspectos, míticas. Por isso, a exigência dos racionalistas do século XVIII e XIX de submetê-las à razão (DIXON, 2003).

Contrapondo-se à perspectiva limitada de emoções, Dixon (2003, p. 3) questionou: “If our emotions are not our own, then how can we identify with them as expressions of our true selves? And how could we be held morally responsible for actions resulting from them?” As inquietações propostas por Dixon são salutares, uma vez que essas concepções de emoções são produtos do nosso eu, ou seja, atos ostensivamente performativos tendo em vista que são produzidos em contextos sociais e que são apreendidos ao invés de inatos.

Tomando como perspectiva a ideia de Dixon (2003) de que as emoções eram performances, acreditamos que as expressões cotidianas e os sentimentos que se constituíam com base nas experiências dos sujeitos no universo da política poderiam produzir narrativas sentimentais que serviam como ferramentas de persuasão – de modo semelhante ao que aconteceu no século XVIII, por exemplo.

OS (RES)SENTIMENTOS NA POLÍTICA

Nessa seara, o conceito de sentimentos políticos ganhou notoriedade no campo da historiografia das emoções porque percebeu-se que ele exercia, por sua vez, influência nos diferentes processos de circulação de ideias durante o século XIX. As mensagens que circulavam entre os grupos sociais, o tom que utilizavam nos jornais para apresentar e caracterizar acontecimentos e sujeitos estavam, por vezes, carregadas de dimensões afetiva ligadas ao contexto político da época.

No presente artigo, encaramos a ideia de que a dimensão afetiva possui uma forte influência sobre as relações políticas. Essas redes relacionais, por sua vez, ofereciam um cenário de convívio entre os grupos nos quais partilhavam-se emoções e sentimentos coletivos capazes de proporcionar o impulsionamento e a sustentação a determinadas práticas políticas particulares que faziam parte do conjunto dinâmico do cotidiano dos sujeitos sociais.

Pierre Ansart (2019) chamou a nossa atenção para o fato de que é importante conferir atenção para as sensibilidades locais, ou seja, quais “constelações afetivas” é estimulada em uma dada sociedade por meio de determinados afetos. E, para além da necessidade de propor explicações sobre os comportamentos políticos nessas respectivas afetividades localizadas, é preciso problematizar que tipo de agentes sociais estão envolvidos nas tramas e que dispositivos eles utilizam na imposição de seus argumentos afetivos – para assim compreender de que modo esse conjunto de implicações é capaz de interferir nas sensibilidades coletivas a partir de situações concretas.

Os meios de comunicação, que no cotidiano do século XIX tinham-se como predominância os jornais e folhetins, eram propagadores desses sentimentos positivos e negativos em torno das figuras e ações na cena política. De acordo com Ansart (2019, p. 11), “[...] todo jornal, seja de informação ou de opinião, participa da gestão desses sentimentos, produz informações que objetivam provocar o interesse, a desconfiança ou a indignação”.

Diante disso, acreditamos que a vida política se constituía por meio de atitudes afetivas diversas que promoviam conflitos ou sociabilidades que, por sua vez, também interferiam nas práticas dos personagens de um dado recorte espacial. Não obstante, é válido ressaltar que a construção dessas sociabilidades não se dava de forma única. Um exemplo disso foram as classes sociais europeias, que construíam vínculos diferentes a depender do lugar social do indivíduo (MARX, 1969).

Percebemos, com isso, que apesar de existir uma forte tendência relacionada ao psicológico dos indivíduos, não é possível tratar a questão das emoções e sentimentos políticos como sendo apenas aspectos cognitivos da política. Pois, existem questões simbólicas e afetivas que somam às noções de sentimentos pautadas nas racionalidades políticas.

Essas questões simbólicas muitas vezes estavam ultrajadas em apelos, dramatizações, interpelações que eram utilizadas por representantes políticos que intencionavam produzir sentimentos involuntários nos sujeitos sociais como, por exemplo, a questão do medo de roubos difundidos pelos bandos que circulavam pelos municípios e vilas mais distantes do litoral no século XIX.

No entanto, a historiografia contemporânea já conseguiu esmiuçar a ideia de que a propagação desses simbolismos, principalmente no século XIX, eram capazes de construir também o que se chama de (res)sentimentos. Que, por sua vez, tratavam-se de rancores, desejos de vingança, invejas, desavenças entre outros (ANSART, 2004).

Para Ansart, em se tratando dos (res)sentimentos no universo da política:

O historiador tem, também, a obrigação de estudar as linguagens, os modos de comunicação e transformá-los em sintomas: as distâncias alimentadas pela incompreensão recíproca das línguas, pelas imagens depreciativas nos contos ou nas brincadeiras familiares, nas representações agressivas veiculadas pelas religiões. E, no final de todo este trabalho, será preciso ainda mostrar como estes costumes, estas atitudes, estas linguagens articularam-se para embasar ressentimentos e, eventualmente, permitir que se atravessasse a distância entre este ressentimento e a violência encorajada (ANSART, 2004, p. 29).

Pelo recorte acima, nota-se que Ansart deixou evidente que analisar as emoções é um exercício que está para além da simples problematização das narrativas. Mais que isso,

ele demonstrou a necessidade de entender o modo como os sujeitos viabilizavam o seu ato de comunicar-se e que é preciso, portanto, exprimir essas expressões em forma de sintomas que se formaram muitas vezes por meio de ressentimentos. Diante do que já foi discutido até aqui, buscaremos entender, na prática, como os sujeitos envolvidos em algumas tensões políticas de vilas do 3º Distrito Eleitoral da Província do Ceará agenciavam os seus (res)sentimentos eleitorais.

UM “TURBILHÃO DE (RES)SENTIMENTOS” NARRADOS

O Icó e a Telha têm nestes últimos dias, sido testemunhas desta verdade. A **anarquia**, o **vandalismo**, e **toda sorte de imoralidades**, tem os Srs. da situação praticado a face de uma população, que presa o sossego e repele semelhante proceder. (*CEARENSE*, 1868, ed. 2705, p. 2, grifo nosso).

As palavras destacadas no recorte acima, assinadas por alguém que se autodenominou ‘O Moribondo’, evidenciaram nas páginas da edição nº 2705, do jornal *Cearense*⁶, o cenário de tensões eleitorais que permeava o cotidiano dos moradores da vila de Telha e no município de Icó, no ano de 1868. Telha era uma região que servia como palco de disputas territoriais pelos Carcarás dos Inhamuns; já Icó, era uma das Comarcas que sediava o 3º Distrito Eleitoral da Província do Ceará, fazendo divisa com a Província da Paraíba do Norte, além de ser influenciada pela dominação política de Bernardo Duarte Brandão, o Barão do Crato.

Na ocasião do dia 9 de setembro de 1868, o Moribondo escreveu uma correspondência que sairia nas páginas do jornal *Cearense*, exatos dez dias depois, alegando que Telha e Icó estavam sendo alvos de ‘anarquia’, ‘vandalismo’ e ‘toda sorte de imoralidades’. Quando membros de partidos políticos distintos se encontravam, ou mesmo aqueles que tinham alguma animosidade, faziam dos dias de pleitos eleitorais um palco para derramar sangue, promover desordem, promover roubos e assustar a população que se encontrava reunida na localidade.

⁶ O jornal *Cearense* tinha sua tiragem na Tipografia Brasileira, de propriedade de João Evangelista, e funcionava na Rua Formosa, n. 88, cidade de Fortaleza. Sua tiragem se dava pelos menos três vezes por semana e tinha circulação na capital, nos povoados próximos, no interior e em outras Províncias. Até 1866, o jornal pertenceu a de Thomaz Pompêo de Sousa Brasil, no entanto, em 1868 não se tem informação se o periódico continuava como sua propriedade. O que se sabe é que ele ainda destinava a sua circulação para sustentar as ideias do Partido Liberal cearense.

Nesse primeiro momento, já percebemos que havia uma narrativa que apelava para a moralidade e o medo dos residentes nessas vilas, uma vez que a prática do vandalismo era enunciadora de uma sociedade que vivia submetida à ausência da ordem. Então, o Moribondo tratou inicialmente de utilizar palavras que tocassem os sentimentos de medo das pessoas e como aquelas atitudes iam contra os costumes de uma sociedade que valoriza o sossego. Esse seu movimento lembra a ideia de representações agressivas, conforme Ansart (2004) chamou a nossa atenção.

No caso das vilas pertencentes à Comarca do Icó, estavam sendo realizadas as eleições para vereadores e juizes de paz, e, dentro dessa circunstância, a Província do Ceará vivenciava a chamada “explosão conservadora” – que foi um período de intensos conflitos em nome do domínio político nas Comarcas mais distantes da capital, ocasionado principalmente pela rearticulação entre grupos vinculados ao Partido Conservador.

Essa “explosão conservadora” já havia produzido efeitos nos pleitos eleitorais no fim do ano de 1867, uma primeira tentativa de eleição foi interrompida pelo major reformado da Guarda Nacional, o sr. Abdoral, “[...] foi para o infeliz 3º districto eleitoral daquella provincia onde tinha de se fazer eleição de quatro freguezias, annullada pela camara dos deputados. Esse recrutador percorreu o districto e afinal depois de arranjar partilha de eleitores em duas ou tres freguezias no sentido progressista...” (ANAIS DO IMPÉRIO, 1868, Livro 3, p. 104).

No ano de 1868, os conservadores vinham dominando o governo provincial primeiro pelo gerenciamento de Gonçalo Batista Vieira, e logo depois por Diogo Velho Cavalcanti. No entanto, o cenário regional nem sempre acompanhava os interesses dos presidentes de província. O pleito que o Moribondo se referia provavelmente era para ter acontecido em agosto, como muitos outros espalhados pelo Império do Brasil, no entanto, em Icó e Telha foi interrompido de uma forma que gerou uma série de consequência políticas.

Pelo que se apresentou na narrativa de Moribondo, anteriormente havia sido pactado que nas eleições das vilas pertencentes à Comarca de Icó teria o número de vereadores dividido para evitar a tensão, como se pode ver no trecho a seguir: “A vinda do sr. Tenente-coronel Casimiro, que estava então em Pernambuco, era esperada como a do Messias; com a chegada d’elle os partidos históricos chegariam a um acordo, e far-se-hia uma partilha justa e regular em paga das finezas recebidas” (CEARENSE, 1868, ed. 2705, p. 2).

Essa tentativa de conciliar os votos em nome de uma eleição tranquila era uma prática que já vinha acontecendo nas províncias mais ao Norte desde a década de 1850,

todavia, ela recebeu ênfase após a política da Conciliação difundida por D. Pedro II. Com a presença de Zacarias Góes e Vasconcelos⁷ no Ministério, essa prática teve uma maior vigilância por parte do Governo Imperial, no entanto, nem sempre ela foi capaz de evitar conflitos no interior das províncias, como foi o caso do Ceará.

É importante ressaltar ainda que, com a deposição ministerial de Zacarias Góes, no último quartel do ano de 1868, os conflitos locais se acirraram – ainda não se pode afirmar em exatidão se apenas em decorrência dos recrutamentos forçados ou se a saída do Ministro interferiu diretamente nas eleições locais (FREITAS, 2011).

Nas palavras de Moribondo, o lugar que mais sofreu com a força dos conservadores foi Icó. O conflito se deu entre o Dr. Frutuoso e o tenente-coronel Casimiro, como se percebe na narrativa de Moribondo: “Chegou o nosso amigo no Icó no dia 30 do mez próximo passado, e depois de uma longa conferencia, que com ele teve o Sr. Dr. Fructuoso, **dissiparam-se as trevas, e cahio a mascara**, que occultava a **lívida face da traição**” (CEARENSE, 1868, ed. 2705, p. 2).

No parágrafo acima, podemos perceber que o autor da correspondência tenta deixar evidente não apenas a falta de compromisso pela parte do Dr. Frutuoso com o pacto político selado entre as lideranças locais, mas ele evoca sentimentos relacionados ao pavor que foi gerado quando menciona “trevas” e que tudo ocorreu como uma “traição”, ou seja, que não se podia confiar na palavra do representante dos Carcarás.

Esse trecho apresentado pelo Moribondo, que provavelmente tinha alguma ligação com os liberais de Icó, lembra uma fala de Carlo Ginzburg (2020, p. 8-9): “As pessoas têm ao mesmo tempo um sentido [...]; elas podem sentir indignação ou outras formas de raiva [...]. Esses são sentimentos compartilhados a propósito de objetos semelhantes...”.

Essa fala apresentada por Ginzburg (2020) amplia a nossa perspectiva de compreensão acerca do que o Moribondo tentou fazer em suas palavras destacadas acima. Com uma aspiração um tanto denunciativa dos acontecimentos, suas expressões deixaram evidente aquilo que sentia, mas também aquilo que ele gostaria que o leitor do jornal acabasse compartilhando, ou seja, um sentimento de terror, de medo às trevas que vinham sendo propagadas pelos Carcarás. O presente trecho dialoga com a questão simbólica apresentada por Christophe Prochasson (2005, p. 309), ao afirmar que estratégias de

⁷ Zacarias estava à frente do Ministério desde 1866, quando desempenhou uma política um tanto conciliadora estando ligado ao Partido Progressista. Foi ele que tomou decisões relevantes relacionadas à Guerra do Paraguai e, com isso, acabou sendo um dos agentes do governo mais criticados pelos jornais da época. Com a crise monárquica que se acentuava cada vez mais em meados do dezenove, o imperador interveio optando pela saída de Zacarias, em 1868.

representação muitas vezes “[...] se fundamentavam na manipulação dos objetos simbólicos”.

O autor da carta possivelmente tinha o anseio de criar, a partir desse objeto [a tensão entre Frutuoso e Casimiro], a ideia de que a chamada “explosão conservadora” era violenta e promotora de desordem à sociedade cearense – e a utilização do jornal enquanto meio para propagar esse sentimento político era ideal, pois, pessoas de diferentes lugares e classes sociais teriam acesso à informação e poderiam (ou não) ajudar a propagar aquela sensação de medo vivenciada em Icó.

Na ocasião da eleição, na divisão feita seria oferecido 3 vereadores e 1 juiz de paz aos liberais, acordo que provavelmente não foi satisfatório ao grupo, pois nas palavras de Moribondo, isso foi como “[...] esmola que se dá a caridade publica” (*CEARENSE*, 1868, ed. 2705, p. 2). No entanto, o que aconteceu foi a recusa dessa divisão, e, na perspectiva do autor da carta, o caminho havia ficado livre para os Carcarás.

Recusou-se tanta *bondade*, preferindo-se deixar o campo livre á aquellas **almas famintas e ingratas**, que effectivamente fizeram a eleição com um juiz de paz suplente de Lavras, ou Varzea-Alegre, sem se esgotar as disposições da lei de 19 de agosto de 1846, e instrucções em vigor. Assim pagaram tantas finezas, tantos sacrificios, feito pelo Partido Liberal, e **nada menos se devia esperar de quem tem por norma de suas acções, - amar a traição e o traidor, - No dia da eleição de 7 do corrente, era o Icó uma praça d’armas, a igreja estava cercada**, os criminosos Caninana, Severino, Sappo e muitos outros, que cometeram o crime de roubo e da tomada de presos no Tamanduá, **crusavam as ruas da cidade, armados e comunicando com as autoridades, sem temerem o castigo do crime, porque as consideram convivente** (*CEARENSE*, 1868, ed. 2705, p. 2, grifo nosso).

Pelo extrato acima, em que o Moribondo fez questão de enfatizar que os Carcarás eram como “almas famintas e ingratas”, percebe-se que ele queria definir na cabeça do seu leitor quem seria os Carcarás, como eles poderiam se comportar diante do anseio de obter o poder, mesmo que a qualquer custo. Apesar de não poupar características negativas sobre os conservadores, o autor da correspondência expressa o seu descontentamento com as decisões do próprio Partido Liberal, ao revelar que esse, a partir da norma de suas ações, “amava a traição e o traidor”. Isso demonstra primeiramente que havia uma cisão entre os liberais locais, talvez nem todos os representantes desse grupo político tivessem partilhado do acordo feito com os conservadores.

Além disso, ficou evidente que existia um sentimento de indignação nas palavras do Moribondo ao dizer que o Partido Liberal havia pactuado com a “traição” e o “traidor”. Percebe-se, com isso, que havia certa vergonha por parte do Moribondo com relação às ações de seu partido. Isso remonta a questão da vergonha expressa em Ginzburg (2020, p.

11): “A vergonha encarna a relação entre o corpo individual e o corpo político. Como animal político, o homem não pode ser identificado exclusivamente a seu corpo físico: é por isso que as fronteiras do ego são sempre problemáticas”.

A questão da vergonha fica evidente por meio do descontentamento, pois, apesar do Partido Liberal ter aceitado a partilha vista pelo autor da carta como injusta, para ele, o fato de sair do pleito foi uma atitude de desonra que tocou todo o corpo político que se articulava em torno do partido – atingindo aquilo que Ginzburg (2020) considerou como “conjunto de ideias distintas” dentro de uma mesma comunidade [no caso o partido liberal].

Fazendo um paralelo à fala de Ginzburg (2020), é possível dizer que ao Moribondo, o partido ao qual ele pertencia também era aquele do qual ele se envergonhava. Nesse sentido, questiona-se aqui quais seriam os limites plausíveis para o Moribondo no partido liberal, pautando-se entre o sentimento de pertencimento e o de vergonha? Apesar de no momento ainda não ter elementos suficientes para confirmar essa perspectiva, acredita-se aqui que esse sujeito tentava se articular politicamente por meio do uso dos sentimentos, demonstrando que mesmo fazendo parte da comunidade [partido liberal], ele não concordava com certas práticas políticas desempenhadas pelos seus pares e essa vergonha servia, portanto, para diferenciá-lo como um sujeito que buscava coisas opostas ao que vinha sendo desempenhado na política local ou se destacar como um possível libertador desse medo que as tensões vinham propagando na cidade de Icó.

Ainda relatando sobre o acontecimento eleitoral, ficou evidente que o Moribondo queria tornar o sentimento de medo e pavor o mais palpável possível ao seu leitor. Para isso, ele tratou de descrever o modo como a igreja se encontrava “cercada de criminosos”, mencionando o modo como esses sujeitos estavam agindo “armados e comunicando com as autoridades sem receio de serem presos”, e, por último, ele personificou esses sujeitos, tirando-os da margem oculta da narrativa e apresentando seus nomes e feitos como o “Caninana” e o “Severino” que já haviam “cometido roubos e ajudado na fuga de presos”.

Tais palavras demonstram de um lado o sentimento de impotência sentido pelo Moribondo, pois os membros do Partido Liberal não tinham condições de se opor ao banco capitaneado pela facção Carcará, e, por outro, demonstrou também uma profunda decepção e desânimo para com relação aos agentes do governo, uma vez que nem o juiz de paz e nem mesmo os representantes da Guarda Nacional foram capazes de prender os sujeitos que anteriormente já haviam cometido crimes e posto a sociedade do 3º Distrito Eleitoral em risco.

Isso lembra questões de mecanismos de ressentimento abordada por Claudine Haroche (2004), pois determinadas estruturas sociais [compostas por uma série de acontecimentos] poderiam contribuir com a formação de (res)sentimentos de amargura e que isso poderia afetar, portanto, o comportamento social dos sujeitos e seus respectivos códigos de conduta diante da sociedade. Talvez essa também seja uma perspectiva aceitável, entre as possíveis, acerca do modo como o Moribondo expressou os seus sentimentos com relação a atuação do Partido Conservador.

Em outra passagem da carta de o Moribondo, foi possível perceber o modo como ele descreveu as sensações vivenciadas pelos habitantes de Icó diante dos acontecimentos eleitorais naquela cidade, bem como o modo como a vila de Telha também estava sendo acometida pelos Carcarás. Leia-se:

Os habitantes pacíficos do lugar o abandonaram, espavoridos, e os que ficaram, viveram aterrados, e esperam o momento de serem vítimas do canibalismo, por não pertencerem aos bemaventurados. Assim se passaram ali os dias da eleição; e **na Telha preparavam-se cenas de sangue, talvez peores que a de 1860,** se tivessem os liberaes o arrejo de exercerem o direito, que nos é outhorgado pela constituição do império. **Illudiram-se ali os liberaes com a esperança d’uma partilha, e n’este sentido se escrevia aos amigos da capital, mas as ordens reservadas eram assustadoras!...** (CEARENSE, 1868, ed. 2705, p. 2, grifo nosso).

A partir do recorte acima, percebe-se que o Moribondo quis evocar no leitor não só o pavor causado nos instantes em que ocorreram a eleição, mas também as consequências que aquela tensão havia ocasionado ao cotidiano dos moradores da cidade de Icó. A capacidade argumentativa dele evocava o sentimento de perda da morada física, mas também de uma possível desterritorialização social, uma vez que os habitantes se obrigaram a abandonar suas casas, sua terra para tentar salvar a própria vida.

A integridade pessoal havia sido comprometida por conta do domínio dos Carcarás na região, e a saída dessas pessoas da localidade gerava sentimentos de humilhação e talvez até sufocasse o aspecto de cidadania desses sujeitos, uma vez que não puderam exercer o seu direito ao voto e nem mesmo permanecer em sua morada. O que nos leva a questionar quais eram os limites postos à ideia de cidadania pelas eleições no Segundo Reinado?

Nem todas as respostas são passíveis de serem respondidas neste momento, no entanto, ainda na fala de Moribondo, podemos perceber outro grupo social que ficou à mercê dos Carcarás por não terem condições de se deslocar do município de Icó.

De acordo com o Moribondo, alguns habitantes do Icó não tiveram condições de sair para outros lugares e escapar do “canibalismo” praticado pelos Carcarás e seus parceiros criminosos. Percebe-se, por meio dos termos utilizados, que a violência física era

tão intensa que se comparava aos atos tidos pela sociedade do século XIX como selvagens, o oposto da ideia de civilização que estava sendo propagada pelos europeus e que a Monarquia tentava instaurar no Brasil.

Voltando ao cenário eleitoral da vila de Telha, o autor da correspondência apontou que a crise naquela localidade parecia ser ainda mais tensa do que o que vinha acontecendo em Icó, pois apesar dos ensaios de acordo político entre os dirigentes locais, a vila estava sendo preparada para cenas de sangue muito maiores do que a tensão que ocorreu na década de 1860, que, como Bruno Freitas (2011) já discutiu, foi uma das que deixou mais mortos e feridos durante o pleito eleitoral, recebendo destaque por todo o Império do Brasil.

Por último o correspondente voltou a enfatizar que todo aquele cenário de conflitos havia ocorrido porque o Partido Liberal havia confiado na “esperança da partilha”, e isso minou tanto a sua atuação na eleição como também os direitos políticos sustentados pela Constituição do Império. Desse modo, restou a indignação moral entre os habitantes de Icó e Telha, e dos liberais que não partilhavam das decisões do partido frente aos pactos com os Carcarás.

Destarte, com base na notícia escolhida para esta discussão, foi possível perceber que a “anarquia” mencionada no início da discussão dizia respeito não só ao modo como o Partido Conservador atuava para tomar o poder nas regiões mais distantes do litoral da Província do Ceará, mas demonstrou também que ele legitimava a atuação de sujeitos tidos como criminosos perante a sociedade cearense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi discutido, percebe-se, portanto, que a atuação desses indivíduos feriu a dignidade dos habitantes de Icó, ao fazer com que muitas famílias deixassem as suas casas; e ceifou a vida de cidadãos na vila de Telha, fato que tornou evidente não só a inutilidade da justiça, mas também o próprio declínio da noção de cidadania que vinha tentando ser promovida desde a década de 1850.

Além disso, com base no que foi discutido, acreditamos que as emoções enquanto ferramenta política serviam para acessar uma zona de enfrentamento entre os sujeitos que muitas vezes a violência, por exemplo, não era capaz de tocar – por mais que essas emoções fossem evocadas como “consequência” dos atos de violência. Mas, buscava-se conquistar o apoio dos grupos sociais por meio da comoção, da construção de sentimentos.

Acreditamos que assim como as eleições serviram como teatro para a atuação de diferentes sujeitos políticos, compreendemos que os jornais também foram uma ferramenta semelhante ao reproduzirem essas cenas, evocando os (res)sentimentos mais profundos de pessoas que, tendo sido testemunhas oculares (ou não), tratavam de reconstruir os “fatos” em virtude da indignação, demonstrando os seus sentimentos muitas vezes individuais como se fossem também coletivos, manifestando-os, assim, como uma ferramenta política de combate ao grupo de oposição e ao modo como o sistema eleitoral vinha sendo parcial.

Portanto, ressaltamos neste artigo a importância de perceber esses cenários de tensões políticas para além do que se mostrava latente em torno dos “fatos”. É importante que nós historiadores, bem como estudiosos de outros campos do conhecimento percebam como esses diferentes meios de conseguir um lugar na política durante o Segundo Reinado foram passíveis de performances em que o poder muitas vezes se instituiu por intermédio da produção e pela aceitação dessas mensagens emocionadas ou emocionantes.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

Fontes

ANAIS DO IMPÉRIO. **Sessão 11 de julho de 1868**, Livro 3. Tipografia do Correio Mercantil: Rio de Janeiro, 1868. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf-digitalizado/Anais_Imperio/1868/1868%20Livro%203ok.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CEARENSE. Correspondências do ‘Cearense’: **“Telha, 9 de setembro de 1868”**, ed. 2705, de 19 set. 1868, Tipografia Brasileira: Fortaleza, 1868. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709506&Pesq=%22Ic%3%b3%22&pagfis=8386>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Bibliografias

ANDRADE, Daniel Pereira. O Governo dos sentimentos morais no século XVIII. **Dados**, v. 59, 2016, p. 233-270. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dados/a/nrG7kn6nS4sDt8Yw9Qc8GSt/?format=html>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível (Org.). 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p. 15-36.

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Trad. Jacy Seixas. Editora da UFPR: Curitiba, [1983] 2019.

DIXON, Thomas. **From passions to emotions**: The creation of a secular psychological category. Cambridge University Press, 2003.

DOLHNIKOFF, Miriam. Conflitos inraelite, cidadania e representação da minoria: o debate parlamentar sobre a reforma eleitoral de 1875. **Tempo**, v. 27, 2021, p. 693-715. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/tem/a/xCRYgy8tnDRQNsjpbhttpw8d/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

FREITAS, Bruno Cordeiro Nojosa de. **A exaltação dos eleitos**: evolução eleitoral e política do império (Ceará 1846-1860). 2011. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6133/1/2011-DIS-BCNFREITAS.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GINZBURG, Carlo. O vínculo da vergonha. **Serrote**, edição esp (1). v. 10, 2020. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2020/07/serrote-edicao-especial/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

HARRÉ, Rom. **The Social Construction of Emotions**. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

HAROCHE, Claudine. Elementos para uma Antropologia Política do ressentimento: laços emocionais e processos políticos. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia Regina Capelari (Org.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p. 329-345.

MARX, Karl. **Le 18 Brumaire de Luis Bonaparte**. Paris: Editions Sociales, 1969.

PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações. **Varia História**, v. 21, p. 305-324, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/vh/a/JgtQ8XshzqMV9fPPXt3wLj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Como citar:

ABNT

SILVA, M. L. E.; FARIAS, A. E. M. (Res)sentimentos políticos na província do Ceará: o caso de Icó e Vila de Telha (1868). **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 03 (ed. esp.), e2023.22, 2023. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e2023.22>>. Acesso em: 26 dez. 2023.

APA

Silva, M. L. E., & Farias, A. E. M. (Res)sentimentos políticos na província do Ceará: o caso de Icó e Vila de Telha (1868). *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 03 (ed. esp.), e2023.22, 2023. Recuperado em 26 dezembro, 2023, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e2023.22>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2023, Universidade Federal do Maranhão.

